

CAPÍTULO 3 – Gêneros Discursivos

Penso que ficou claro pelos pontos vistos até agora no trabalho que a reflexão tem um papel importante na constante formação do professor em sala de aula, o que o leva a pensar sobre atitudes que promovem receptividade e aquelas que levam o aluno a se fechar ao aprendizado. Tendo feito isto, especificamente com a turma enfocada aqui nesta pesquisa, penso que, possivelmente, um dos grandes entraves para uma maior abertura desses alunos a disciplina têm sido a questão do método. Conforme exemplifiquei em outras partes desta dissertação há um conjunto de fatores que convergem para esta falta de receptividade desses alunos, mas acredito que, talvez, uma reformulação do método implicaria num novo movimento que atingiria esses outros fatores. Talvez um método ou abordagem que deixe claro para esses alunos a importância desse aprendizado de língua estrangeira, que lhes dê segurança posto que haja chance de sucesso, e que de fato promova sucesso, possivelmente fará com que os aprendizes estejam mais dispostos, ou seja, receptivos, a aprender. Por isso, acredito que através de uma abordagem ainda que instrumental, mas focada nos gêneros discursivos, isto possa acontecer. A abordagem puramente instrumental propõe a aprendizagem de estratégias de leitura para que o aprendiz seja capaz de lidar com textos na língua alvo. Ao contrário disso, ao lidar com gêneros discursivos, partimos, primeiramente, dos gêneros que convêm a esses alunos aprenderem para daí pensar nas estratégias que precisam ser desenvolvidas para que o aluno construa o significado daquele texto. De acordo com Silva e Oliveira (2006) que se referem a Miller (1984), “gênero é ação social e possui natureza dinâmica. O conhecimento é algo que é socialmente construído em resposta a necessidades comuns, metas e contextos” (p. 24-25).

Nogueira (2007) também defende a abordagem com gêneros:

Na sala de aula de inglês, a seleção dos gêneros relevantes para os alunos contribui para aumentar o seu interesse e motivação. De modo a garantir que os gêneros selecionados para o ensino da língua inglesa sejam relevantes é essencial que o professor pesquise a comunidade discursiva dos alunos, conheça os gêneros que a compõem e identifique as necessidades lingüísticas que os alunos apresentam para compreender e produzir esses gêneros. Após essa análise inicial o professor está preparado para definir os gêneros e as atividades que criem oportunidades e expectativas de aprendizagem para seus alunos. (p.45-46)

A autora enfatiza a importância de se fazer um planejamento a fim de que a abordagem seja bem recebida pelos alunos e, obviamente, gere melhores resultados em termos de aprendizagem. Desta forma é possível, contemplar os gêneros que mais interessam aos alunos, promovendo, então, um maior engajamento destes em seu aprendizado.

A ideia proposta e investigada nesse estudo depende diretamente do entendimento a respeito dos gêneros discursivos. Muitas são as explicações que procuram dar conta da noção de gênero dentro da área de estudos da linguagem. Portanto, optou-se por focar em teorias de gênero que vão mais de encontro à prática proposta por esta pesquisa.

Primeiramente, de acordo com Machado (2005, p. 242), a perspectiva interacionista sociodiscursiva (ISD) de Bronckart entende os gêneros de texto como algo que “sabemos que existe nas práticas de linguagem de uma sociedade ou aquilo que seus membros usuais consideram como objetos de suas práticas de linguagem”. A própria autora coloca que tal definição chega a ser simplista, no entanto, reforça que os gêneros nada mais são que esse conhecimento comum compartilhado por aqueles que fazem parte de uma dada sociedade. Assim sendo, se o indivíduo não detém tal conhecimento, como pode ele participar da sociedade na qual está inserido ou quer se inserir? A autora enfatiza a questão da construção dos modelos didáticos de gêneros decorrente da análise destes a fim de servirem de guia para avaliação de material didático e da produção dos aprendizes. Ainda, afirma Machado (2005, p.256) que o objetivo de se educar os alunos para lidarem com gêneros é para que sejam capazes de “atuar como verdadeiros agentes em nossa sociedade, usando e transformando as ferramentas materiais e semióticas disponíveis”. No entanto, os autores que propõem a ISD parecem ter outro objetivo, o que seria de privilegiar mais do que o domínio dos gêneros, suas características. Na verdade, as “operações de linguagem” necessárias para alcançar tal domínio é que possibilitarão ao aprendiz desenvolver suas “capacidades de linguagem”.

Marcuschi (2003) reforça os conceitos da ISD resumidos por Machado ao dizer que os gêneros são entidades sócio-discursivas e que se caracterizam mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. Afirma, ainda que quando somos capazes de lidar com os gêneros, somos capazes “de realizar linguisticamente objetivos

específicos em situações sociais particulares” (Marcuschi, 2003, p.29). O próprio autor cita Brockart: “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (1999, p.103 apud Marcuschi, 2003, p.29). Ambos apontam, mais uma vez, para a noção de que dominar um dado gênero é poder agir na sociedade. Isto posto, justifica-se a observância dos PCN-LE no sentido de que se ensine a lidar com textos objetivando a dominância dos gêneros.

Porém, penso ser importante salientar de antemão que alguns autores que tratam do estudo e ensino de gêneros procuram destacar o fato que na escola têm-se os gêneros orais e escritos e, também, falam não somente do reconhecimento dos gêneros como de sua produção. Ressalto que para o estudo aqui desenvolvido e, tendo em vista as peculiaridades do grupo de alunos aqui focado, o trabalho foi voltado para a compreensão de gêneros escritos.

Retomando a discussão, Schneuwly e Dolz (1999, p. 7) colocam, muito adequadamente, que “os gêneros podem ser considerados instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação”. No entanto, ao falar dos gêneros na escola, os autores parecem mais se referir a gêneros escolares, principalmente no que tange a produção textual. E, como veremos mais a seguir, não é esta a perspectiva almejada aqui. O foco será em que medida através do estudo dos gêneros, no ambiente físico da escola, é possível promover uma aprendizagem mais significativa e eficaz de inglês. Os gêneros tratados nas aulas foram sugeridos pelos alunos, os textos utilizados foram autênticos e o objetivo era justamente o de capacitar, ou instrumentalizar os alunos para uma comunicação mais eficiente. Ainda assim, vale a afirmação de Schneuwly e Dolz (1999, p.10).

Toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos de aprendizagem que são sempre de dois tipos: trata-se de aprender a dominar o gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, para melhor saber compreendê-lo, para melhor produzi-lo na escola ou fora dela e, em segundo lugar, para desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e que são transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes. Isso implica uma transformação, pelo menos parcial, do gênero para que estes objetivos sejam atingidos e atingíveis com o máximo de eficácia: simplificação do gênero, ênfase em certas dimensões etc.

Resumindo, os autores falam sobre o impacto que o gênero a ser trabalhado pode exercer em termos não só de promover uma aprendizagem contundente

daquele, mas, principalmente, de capacitar o aluno pra lidar com outros gêneros que lhe convir em quaisquer ambientes. Assim sendo, promove-se um dos objetivos mais defendidos nos PCN-LE: a autonomia do aprendiz.